

## **Puberdade, métodos contraceptivos e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's): uma análise de conhecimentos prévios com alunos do Ensino Fundamental de duas escolas municipais de São Mateus – ES**

Puberty, contraceptive methods and sexually transmitted infections (STIs): an analysis of prior knowledge with elementary school students from two municipal schools in São Mateus - ES

Kelle Barros Cunha  
Ana Karla de Jesus  
Manoel Augusto Polastreli Barbosa

**Resumo:** O estudo foi desenvolvido com o objetivo de compreender a visão dos discentes em relação ao conhecimento que possuem acerca da educação sexual, e a importância da temática no ambiente escolar e demais ambientes que coabitam. Foi realizada uma pesquisa semiestruturada com o intuito de conhecer as concepções que os discentes reconhecem, e a importância das mesmas. O estudo buscou compreender como a Educação em Saúde e a Educação Sexual são necessárias no cotidiano da sala de aula, e como um ambiente articulado que funciona para além das disciplinas de ciências/biologia são necessários, numa busca de compreensão do estudante como um ser em sua totalidade, tornando a transversalidade necessária para que diferentes abordagens sejam feitas. Foi possível corroborar, por meio da pesquisa, que ainda há uma defasagem significativa no que os estudantes compreendem dos processos de prevenção e sexualidade, o que torna necessário que os docentes passem por processos contínuos de formação, para que se atualizem, compreendam e participem na formação integral do sujeito.

**Palavras-Chave:** Infecção Sexualmente Transmissível; Educação em saúde; Educação Sexual.

**Abstract:** The study was developed with the objective of understanding the view that students in relation to the knowledge they have in relation to sexual education, and the importance of the theme in the school environment and other environments that cohabit. A semi-structured research was carried out in order to know the conceptions that the students recognize, and their importance. The study sought to understand how health education and sexual education are necessary in the daily classroom, and how an articulated environment that works beyond the disciplines of science/biology is necessary, in a search for understanding the student as a being in its entirety, making transversality necessary for different approaches to be made. It was possible to corroborate, through the research, that there is still a significant gap in what students understand the processes of prevention and sexuality, which makes it necessary for teachers to go through continuous training processes, so that they can update, understand and participate in the integral formation of the subject.

**Keywords:** Sexually Transmitted Infection; Health education; Sex education.



## Introdução

A sexualidade é uma extensão humana inerente e deve ser compreendida no contexto dos seus sentidos, como tema e área de conhecimento de grande relevância. O primeiro teórico a falar sobre a temática foi Sigmund Freud, afirmando que a sexualidade nos acompanha desde o nascimento até a morte e se trata de uma das dimensões humanas essenciais para o desenvolvimento do indivíduo, precisando ser compreendida na totalidade dos seus sentidos.

No entanto, enquanto educadores, é possível notar que a orientação sexual no âmbito familiar, está ligada aos valores defendidos por seus responsáveis, sobretudo, valores religiosos e sociais, limitando assim outros fatores como já citados, dificultando a problematização desse assunto tão importante inerente na formação do indivíduo e, além disso, evidenciando uma carência de estudos voltados para o papel dos pais na educação sexual desde a primeira infância para que estes possam chegar à adolescência segura de sua maturação sexual e tendo consciência de sua sexualidade.

Portanto, subsidiar estudos que ancoram a importância dessa temática se torna cada vez mais necessário, pois, devemos considerar que essas abordagens no âmbito escolar se tornam a mola propulsora no combate as mais diversas formas de violência sexual, reprodução desassistida, doenças infectocontagiosas e violências voltadas à diversidade de gênero.

Outra consideração está pautada na real compreensão da sexualidade, pois a maioria dos adolescentes associa o termo “*sexualidade com o ato sexual*”, todavia, é necessário compreender que sexo se refere a definição dos órgãos genitais, masculino ou feminino, ou também com o ato sexual em si, entretanto, o conceito de sexualidade está relacionado a tudo aquilo que somos capazes de sentir e expressar.

Atualmente, os adolescentes têm sido alvo de muitas investigações ligadas ao crescente número de caso de IST gravidez precoce, suicídio, intolerâncias raciais e de gênero, entre outros. Desse modo, é de fundamental relevância, a importância e a necessidade da abordagem acerca do tema sexualidade humana com este público-alvo.



Nesse sentido, entremostra-se a escola como um local de promoção e mediação de conhecimentos necessários no sentido de formar cidadãos críticos capazes de direcionar suas ações em prol de uma sociedade mais justa e esclarecida acerca das diversas abordagens em que se aplica essa temática, uma vez, que nela viabiliza-se “trocas” por meio do convívio social, facilitadas pelo grande tempo de permanência desses sujeitos no espaço escolar.

Com isso, a fim de possibilitar aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, maiores conhecimentos acerca dos conceitos básicos que permeiam a sexualidade humana, esse trabalho tem como objetivo responder os seguintes questionamentos: as diferenças sociais interferem na compreensão da temática “sexualidade humana”? Quais fatores levariam os estudantes a distorcerem os conceitos acerca da sexualidade humana? Seriam valores e tabus restritos a família? Seria falta de informação ou excesso de informações de mídias digitais e tecnológicas? Seria negligência das escolas? Ou talvez questões ligadas à religião e valores familiares?

Espera-se, portanto, que o estudo possa responder aos questionamentos levantados e tornar possível estabelecer elementos para auxiliar os sujeitos da pesquisa na construção de um ser social capaz de estabelecer vínculos saudáveis e seguros entre si e seus pares.

O estudo teve como objetivo principal compreender como os alunos percebem a educação sexual em sala de aula, dando ênfase na prevenção as Infecções Sexualmente transmissíveis.

### **A educação em saúde como concepção na promoção da saúde dos educandos**

As mudanças que ocorreram no paradigma na área de Educação e Saúde trouxeram outras especificidades para a atualidade, e um outro enfoque para os determinantes que fazem incidência sobre o processo de adoecimento do indivíduo, e não apenas os determinantes biológicos como acontecia no século XIX, e início do século XX, onde sustentavam como essência a ideia de que era preciso “promover e vigiar o saneamento do ambiente escolar e a



saúde das crianças, criando condições necessárias para a aprendizagem” (Collares; Moysés, 1985, p.13).

A saúde possuía uma visão que era baseada no positivismo, onde para as escolas, cabia a função de fazer correção nos erros relacionados a higiene que era compromisso do indivíduo, sem no entanto, levar em consideração fatores que estavam entrelaçados e relacionados ao adoecimento e que hoje são reconhecidos como os determinantes a saúde (Mohr; Schall, 1993).

Surgiram vários conceitos em torno da saúde e a relação que ela tem com o indivíduo. Segundo a Organização Mundial da Saúde, ela representa o estado completo de bem-estar mental, físico e social, a mera ausência de uma doença ou incapacidade, sendo compreendido ainda como o resultado de um processo que precisa ser realizado no intuito de melhorá-la e para isso, se faz necessário que haja promoção de mudanças no meio onde as pessoas estão inseridas, estando de maneira estrita ligada aos determinantes sociais, que são definidos por meio das condições em que as pessoas nascem, crescem, vivem, trabalham e envelhecem. Esses são fatores sociais determinantes, sendo os principais responsáveis pelas desigualdades na saúde, o que compreende as diferenças inevitáveis e injustas de saúde vista dentro e também entre países (World Health Organization, 2007).

Segundo Silva (2005), a saúde é muito mais do que a ausência de doença, uma vez que elas são condicionadas a diversos fatores, entre eles, a maneira como as pessoas vivem. No entanto, as definições compreendem entendimentos diversos e olhares de autores que buscam uma compreensão sobre o que de fato é a saúde e de que maneira a mesma pode ser compreendida e estabelecida. Isso nos leva a pensar que as diferentes concepções que se tem acerca da saúde são provenientes das mais diversas maneiras de pensar o mundo, que pode ser interpretada como um resultado de diferentes e de “projetos filosóficos quando não antagônicos” (Egry, 1996, p.10).

De acordo com Almeida Filho, a dificuldade em se ter um conceito em relação a saúde vem desde a Grécia antiga. Essa dificuldade é decorrente “do paradigma científico dominante, nos mais diversos campos científicos, de



abordar a saúde positivamente” (2002, p. 31), e ainda hoje a mesma é referenciada através de conceitos quer compreendam a linguagem comum quer seja por meio da filosofia do conhecimento, ou de maneira empírica por meio das ciências biológicas ou clínicas, ou seja analisável por meio do plano matemático, lógico, probabilístico ou epidemiológico, a perceptível por meio dos efeitos que exercem sobre a condição de vida das pessoas.

Discutir sobre a saúde dentro da esfera educacional é distinguir que existe uma necessidade de entrelaças Educação e Saúde para que se tenha uma promoção partindo dos saberes que são elaborados por profissionais da área de saúde e educação, que possam ser assim delegados a outras pessoas por meio da compreensão dos condicionantes, onde estes podem alterar o processo de saúde-doença e assim ofereçam subsídios para que se adote novas condutas e hábitos de saúde (Costa; López, 1996).

De acordo com Mohr e Schall (1993) a inclusão de saúde no campo educacional aconteceu por meio do artigo 7, da Lei 5.692 de 1971 quando foram introduzidos programas de saúde que eram realizados na escola nas séries de 1º e 2º graus onde os mesmos eram pautados em condutas de saúde e higiene, objetivando a aquisição de um comportamento que fosse adequado e que favorecesse a promoção de saúde tanto coletiva quanto individual (Brasil, 1971).

Sendo assim, pode ser constatado que a educação tinha um enfoque que primordialmente higienista. A Educação em Saúde veio para ampliar esse sentido para que fosse possível compreender o processo de saúde-doença, tendo como resultado a relação existente entre os fatores sociais, culturais e econômicos. Surge, nessa contextualização, a preocupação em torno do desenvolvimento da autonomia e com a constituição do sujeito social, que reivindicam seus interesses (Smeke; Oliveira, 2001).

De acordo com Mohr (1994) o termo Educação em Saúde (ES) é utilizado no sentido de designar as atividades que são realizadas como parte do currículo escolar, onde as mesmas tenham uma intenção que seja pedagógica definida, e esteja relacionada ao processo de ensino aprendizagem com assunto que esteja relacionado a saúde individual e coletiva.



A escola é o representativo de um local de possibilidade na promoção de saúde dos educandos e de enfrentamento as ISTs diante das experiências que são compartilhadas partindo de saberes que são diversos, e que os levam a construir conhecimentos que os capacite a cuidar de si mesmos, e haja em defesa da promoção de saúde física, sexual e emocional (Borges; Nichiata; Schor, 2006).

Associado a isso, se encontra o fato de que há uma supervalorização à memorização do conteúdo, que se trata de uma prática que é utilizada nos métodos tradicionais de ensino, que se pautam em aulas expositivas, onde há pouca garantia no uso dessas informações decoradas quando houver uma necessidade. Entregar estratégias no processo de formação da aprendizagem é um meio de tornar o processo de construção do conhecimento mais atrativa e significativa ao cotidiano do estudante agregando valor para sua vida social e profissional (Souza, 2015).

As estratégias de aprendizagem se definem por meio de sucessivos métodos e ações que serão utilizadas pelo sujeito como uma possibilidade do mesmo desenvolver um aprendizagem melhor por meio da obtenção, provimento e aplicação do saber obtido de maneira crítica. Essas são estratégias fundamentais para obter avanço no desempenho escolar, sendo possível, partindo do treinamento, alcançar de maneira progressiva uma performance acadêmica melhor (Santos; Boruchovitch, 2017).

Elas são alicerçadas na curiosidade e participação dos estudantes, e auxiliam no funcionamento das atividades que são práticas e utilizadas como um instrumento que é dinâmico e flexível. Sendo assim, é preciso que se utilize estratégias que sejam múltiplas para consubstanciar o ensino e a aprendizagem, de maneira particular, de Biologia, que compreendam aulas que sejam bem elaboradas, fundamentadas e desenvolvidas, atividades práticas e boa preparação do professor. Contudo é de grande relevância uma metodologia que consiga associar a parte teórica a prática. Para que exista protagonismo ao longo do processo de ensino aprendizagem é necessário que se empregue diferentes ferramentas que, associada ao conhecimento



científico, é capaz de tornar o estudando um sujeito ativo no processo do seu progresso intelectual.

Pensar em educação em Saúde se desenvolvendo em sala de aula é pensar em atividades que são desenvolvidas como parte do currículo escolar, tendo uma intenção pedagógica que é definida e relacionada ao processo de ensino aprendizagem da saúde individual e coletiva dos educandos, não sendo, dessa forma, desligada da realidade que permeia os alunos, por isso é importante que se tenham cursos de atualização para que os professores tenham a oportunidade de se aperfeiçoarem em sua eficiência pedagógica, ampliando a visão de questões da saúde em seus aspectos mais amplos.

Desse modo, o caminho para a ação participa e criadora de conhecimento aos alunos vai acontecer. Os professores, dentro dessa expectativa, precisam planejar e executar projetos de maneira conjunta, investigando problemas de saúde que sejam relevantes e propondo ações e alternativas para soluções. Isso não pode acontecer de maneira aleatória, mas por meio de projetos que sejam registrados, avaliados de maneira sistemática em relação a sua eficácia no meio escolar e fora dele. Sendo assim, termos uma educação que é verdadeira na área da saúde, e não que esteja apenas alheia à realidade dos alunos, comprometida com a formação do sujeito autônomo e crítico, e conseqüentemente, com uma ação que seja transformadora para que se melhore a condição de vida dos mesmos (Mohr, 1994).

Para que isso aconteça de maneira efetiva, é preciso que os currículos escolares sejam elaborados de maneira flexível para que consigam atender essa demanda com um enfoque que acontece de maneira integral e participativo por meio de uma operacionalização de programas que visam promover a melhoria da qualidade de saúde dos educandos no âmbito educacional. Desse modo, quando se alia educação e saúde, tem-se o fortalecimento da capacidade individual e social o que permite que os jovens tenham um enfrentamento maior da capacidade individual e social, lhes possibilitando uma maior força para o enfrentamento dos condicionantes da saúde (Guimarães; Aerts; Câmara, 2012).



O novo paradigma da educação em Saúde prevê que haja a participação de profissionais da área de saúde e de áreas que se relacionam a educação em trabalhos que envolvam uma ação de maneira conjunta, proporcionando uma atitude que seja permanente envolvendo os estudantes, professores e profissionais da escola nos princípios que promovam a saúde (Carvalho, 2004; Oliveira; Santos, 2005).

Dessa forma, é necessário um rompimento com o enfoque biomédico diante de uma mudança do perfil epidemiológico da população das últimas décadas. Quando se fala em educação em saúde tem-se o objetivo de suscitar a concepção de promoção a saúde por meio da ideia inovadora de que a saúde é compreendida diante de um conceito muito mais amplos do que simplesmente adoecer biologicamente (Carvalho, 2004; Oliveira; Santos, 2005).

A saúde e o seu estado compreendem que se aprenda os saberes multidimensionais que estejam relacionados aos determinantes sociais que fazem parte de todo o processo de saúde/doença e, por meio destes condicionantes, o sujeito estará emponderado partindo de conhecimentos que o permitirão um olhar crítico sobre sua realidade, maneira de agir e uma dimensão de suas ações. Nesse sentido a escola é a representação desse espaço ideal de desenvolvimento e consciência (Carvalho, 2004; Oliveira; Santos, 2005).

Essa ação só poderá se tornar concreta quando houver a capacidade de uma atuação que aconteça de modo a incorporar atitudes e/ou comportamentos que possam vir de maneira que consiga melhorar a qualidade de vida dos alunos, partindo da interpretação dos seus cotidianos, tendo como ponto de partida uma compreensão do que eles sabem, e do que podem fazer, permitindo assim o desenvolvimento de uma autonomia e competência que visem o exercício da cidadania no ambiente escolar, passível de ser realizado à medida em que forem concebidos como sucessivos compromissos que são assumidos com a realidade do aluno em sua diferentes dimensões com “ambiente material, físico, químico e biológico; com a realidade afetiva, relacional, psíquica; e com a realidade social” (Dejours, 1986, p. 11).



Nesse sentido é importante que se promova o acompanhamento, crescimento e desenvolvimento de ações que tenham como objetivo a atenção à saúde sexual e a saúde reprodutiva dos jovens, e para que isso aconteça é preciso que haja a inclusão no acesso ao planejamento reprodutivo e aos insumos para a prevenção das DST/HIV/AIDS, além do desenvolvimento das ações educativas, com respeito aos direitos sexuais e os direitos reprodutivos dos mesmos.

Dessa forma, a possibilidade de que haja promoção em saúde no ambiente escolar podem ser reconhecidas como aquelas que proporcionam espaços de maneira integrados da educação e da saúde, tendo um foco integral no sentido de que haja promoção da melhoria de vida dos seus educandos tendo como base discussões que consigam fortalecer a sua capacidade de enfrentamento dos condicionantes de saúde, entre eles, as ISTs (Guimarães; Aerts; Câmara, 2012).

## **Metodologia**

O presente estudo foi realizado através de uma pesquisa de natureza básica, onde a ela se aplica para obtenção de conhecimento pelo conhecimento. Ela é feita para aumentar o que sabemos sobre um determinado assunto. Com abordagem qualitativa, com procedimento bibliográfico, foram feitos levantamentos dos trabalhos acadêmicos, onde a prioridade foi dada aos artigos científicos e dissertações de mestrado publicados a partir de 2008, mas que eventualmente utilizou estudos de anos anteriores devido a sua relevância, e as pesquisas de importância ao trabalho foram separadas para a análise de seu conteúdo. A pesquisa foi feita nas plataformas de pesquisa científica Scielo (Scientific Electronic Library Online), Portal Periódicos CAPES e Biblioteca Regional de Medicina (BIREME).

Os descritores que foram utilizados nos indexadores de busca foram as palavras chaves: Infecções Sexualmente Transmissíveis. Educação Sexual. Métodos de Prevenção. Ensino de Ciências. Sexualidade na Adolescência.

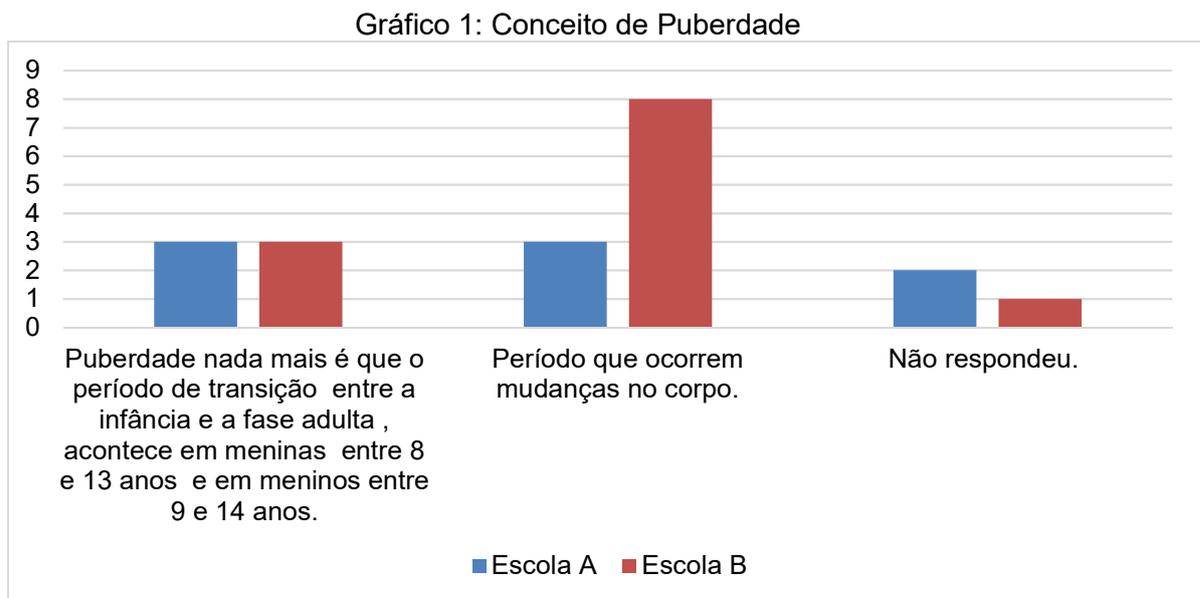
A pesquisa compreendeu um questionário semiestruturado, com 10 perguntas objetivas. Os sujeitos que participaram da pesquisa foram



estudantes de duas escolas de Ensino Fundamental, que ficará intitulada na análise de dados como Escola A e Escola B, ambas localizadas no município de São Mateus/ES. Os sujeitos da pesquisa possuem idade entre 13 e 15 anos, pertencentes ao 8 ano do Ensino Fundamental II. Responderam à pesquisa um total de 20 estudantes nas duas escolas, através de um formulário elaborado no Google Docs., pelo Google Forms. Foi enviado aos estudantes o Link para a participação na pesquisa.

### Resultados e discussões

Por meio dos questionários aplicados, foram obtidos os dados apresentados abaixo.

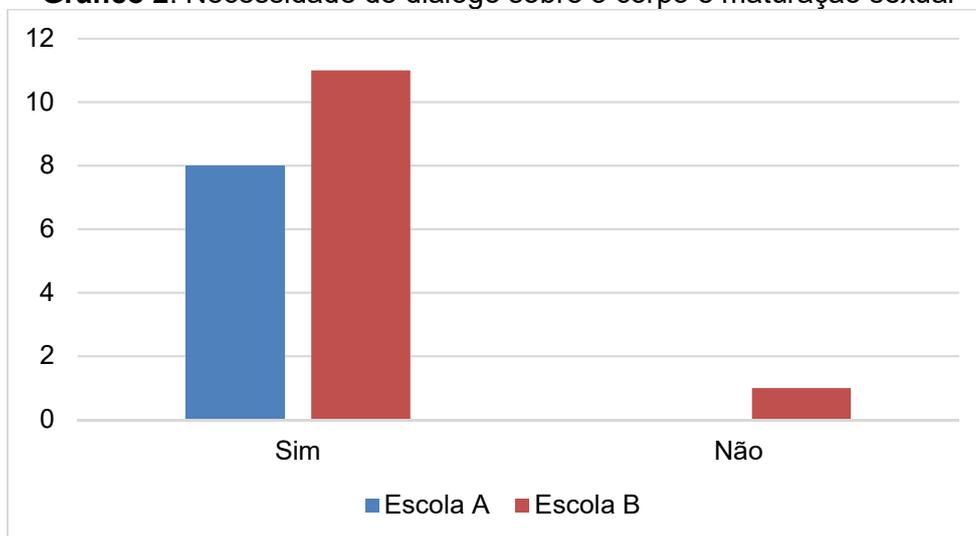


Fonte – Os autores (2021).

Quando os sujeitos da pesquisa foram questionados em relação ao que compreendem sobre o conceito de puberdade, na Escola A três (03) compreendem que se trata de um período em que ocorrem mudanças no corpo, enquanto na Escola B, três (03) da mesma forma, quando o questionamento foi se a Puberdade nada mais é que o período de transição entre a infância e a fase adulta, acontece em meninas entre 8 e 13 anos e em meninos entre 9 e 14 anos, na Escola A três (03) participantes compreendem dessa forma, enquanto na Escola B, oito (08) compreendem assim, na escola A

dois (02) participantes não responderam, enquanto na escola B, apenas um (01) participante não respondeu.

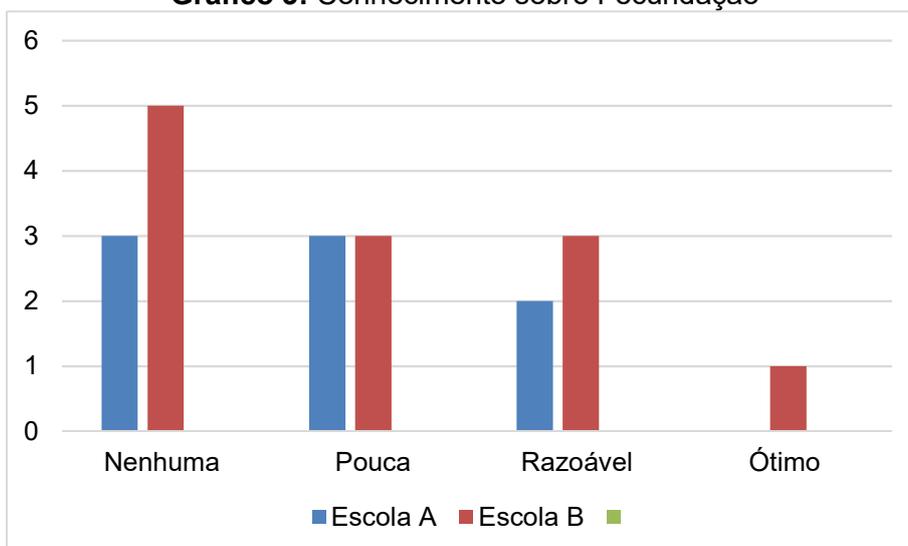
**Gráfico 2:** Necessidade de diálogo sobre o corpo e maturação sexual



Fonte – Os autores (2021).

Quando questionados sobre uma maior abertura no diálogo com a família em relação as mudanças que ocorrem no corpo e o amadurecimento dos órgãos sexuais, na escola A oito (08) participantes consideram importante, e na escola B onze (11) participantes definem ser importante, na escola B um (01) participante não considera importante, enquanto na escola A, nenhum pensa dessa forma.

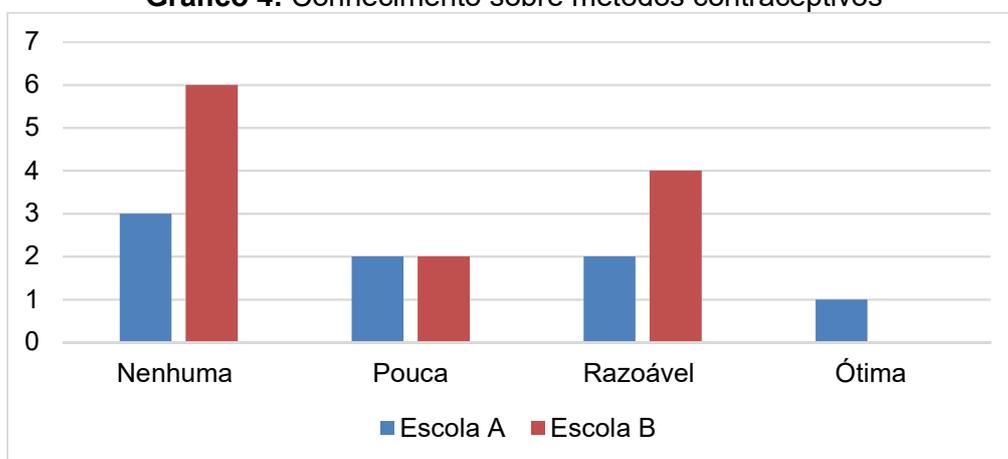
**Gráfico 3:** Conhecimento sobre Fecundação



Fonte – Os autores (2021).

Quando foram questionados sobre o nível de conhecimento que possuem em relação a fecundação, na escola A três (03) alunos consideram nenhum e na escola B cinco (05) consideram assim também, enquanto na escola A três (03) consideram ter pouco conhecimento e na escola B três (03) percebem da mesma forma, na escola A dois (02) acreditam ter conhecimento razoável e na escola B três (03) consideram o conhecimento que possuem razoável também, na escola A todos os participantes responderam, e na escola B, um (1) participante não respondeu.

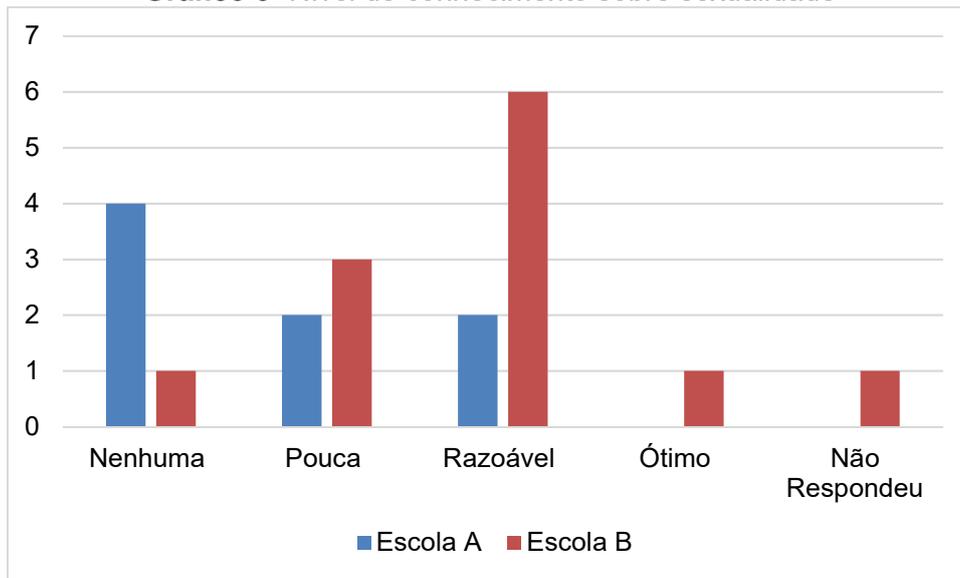
**Gráfico 4:** Conhecimento sobre métodos contraceptivos



Fonte – Os autores (2021).

Quando o questionamento foi em relação ao conhecimento sobre os métodos contraceptivos, na escola A três (03) e na escola B seis (06) não possuem nenhum conhecimento, enquanto na escola A e na escola B dois (02) em cada uma consideram ter pouco conhecimento, os que consideram razoável a escola A correspondem a dois (02) dois, e na escola B quatro (04), apenas um (01) participante, da escola A, considera que possui um ótimo conhecimento em relação aos métodos contraceptivos.

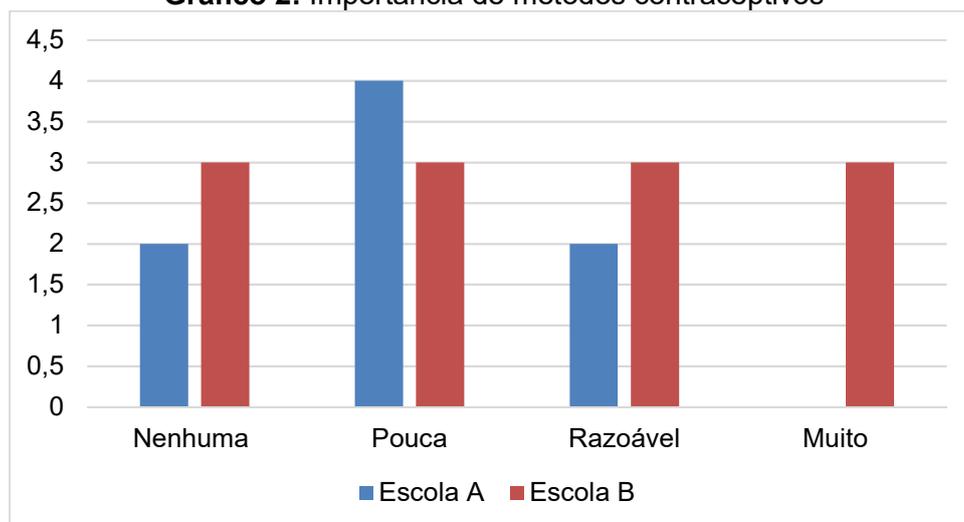
**Gráfico 5- Nível de conhecimento sobre sexualidade**



Fonte – Os autores (2021).

Quando os participantes foram questionados sobre o quanto de conhecimento julgaram possuir sobre sexualidade na escola A quatro (04) e na escola B (01), respectivamente consideraram não possuir nenhum conhecimento, enquanto na escola A dois (02) e na escola B (06) consideraram ter conhecimento razoável, na escola A dois (02) consideraram ter pouco conhecimento, e na escola B três (03), na escola B um (01) considera ter ótimos conhecimentos e um (01) não respondeu a pesquisa.

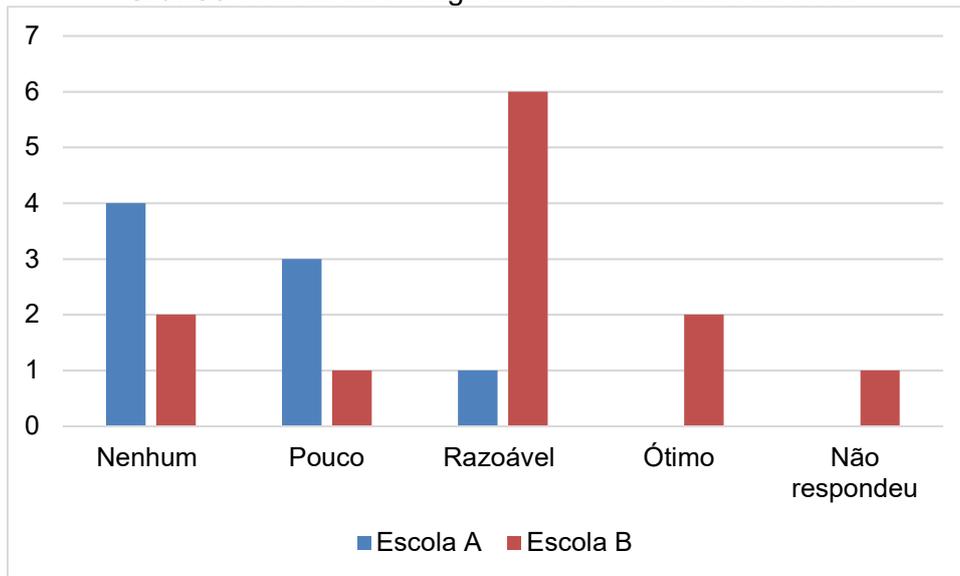
**Gráfico 2: Importância de métodos contraceptivos**



Fonte – Os autores (2021).

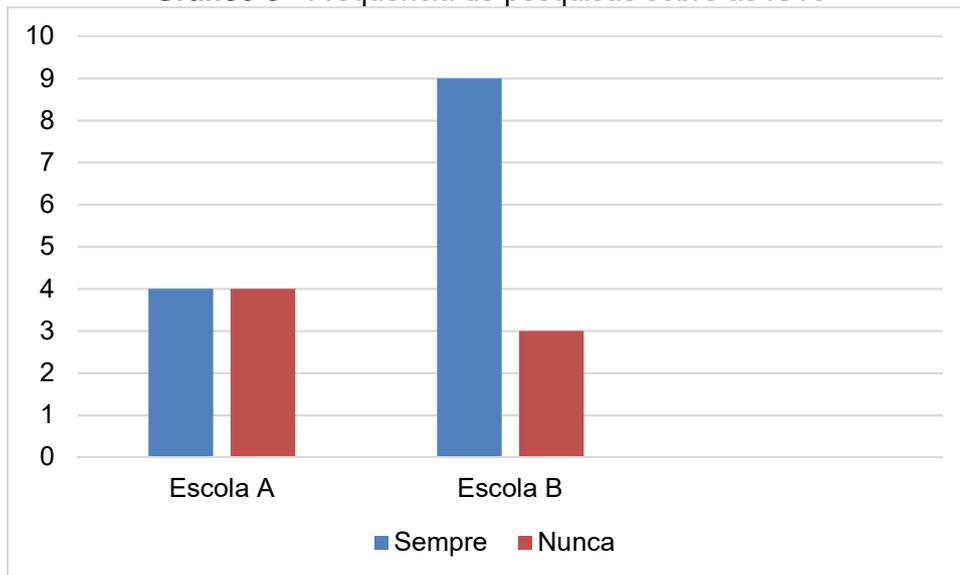
Quando solicitados a responderem sobre a importância dos métodos contraceptivos na escola A, dois (02) consideraram não ser importante, quatro (04) a uma importância razoável e dois (02) consideraram muito importante, enquanto na escola B, três (03) participantes responderam de maneira igual pra as probabilidades nenhuma, pouca, razoável e muito importante.

**Gráfico 7:** Nível de diálogo com a família sobre as ISTs



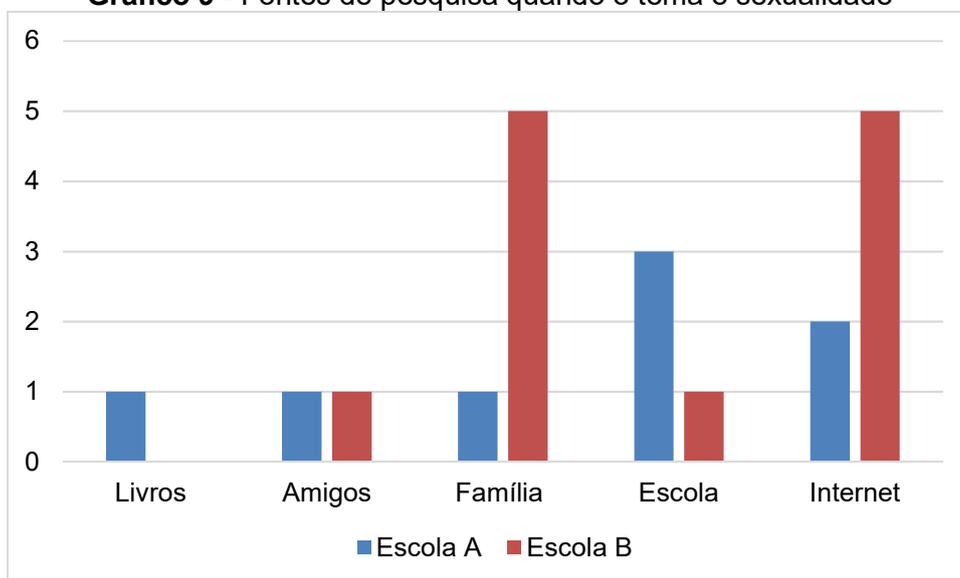
Fonte – Os autores (2021).

Quando os participantes foram questionados sobre o nível de diálogo que possuem em casa em relação as ISTs, na escola A quatro (05) consideram que nenhum, três (03) consideram pouco e um (01) considera razoável, enquanto que na escola B, dois (02) consideram nenhum, um (01) considera pouco, seis (06) considera razoável, dois (02) considera ótimo, e um (01) participante não respondeu.

**Gráfico 8 - Frequência de pesquisas sobre as ISTs**

Fonte – Os autores (2021).

Quando questionados em relação a frequência com que pesquisam sobre as ISTs, os participantes da escola A responderam quatro (04) para sempre, e quatro (04) para nunca. Os participantes da escola B, por sua vez, responderam nove (09) para sempre e três (03) para nunca.

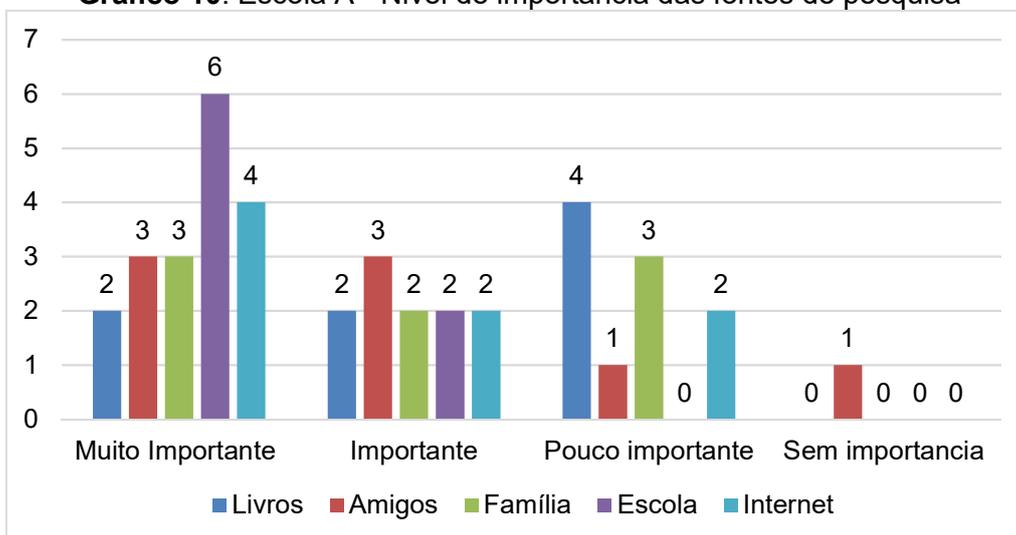
**Gráfico 9 - Fontes de pesquisa quando o tema é sexualidade**

Fonte – Os autores (2021).

Quando o questionamento é em relação as fontes de pesquisa para saberem sobre sexualidade, a escola A teve uma (01) resposta para as fontes livros, amigos e família, três (03) para as escolas e dois (02) para a internet. A

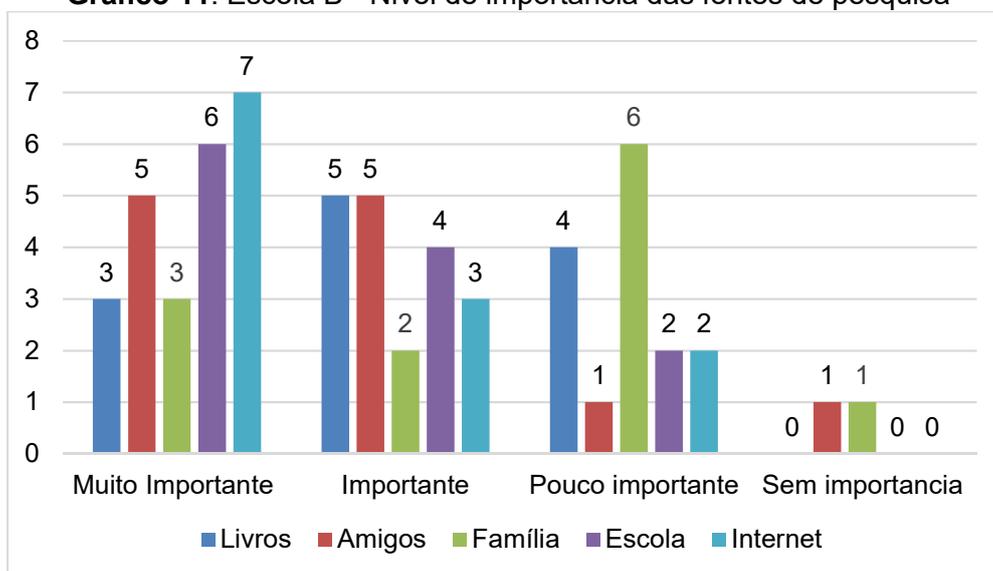
escola B, cinco (05) participantes responderam família e internet, e um (01) para escolas e amigos, mostrando que livro não se trata de uma fonte que eles recorrem.

**Gráfico 10:** Escola A - Nível de importância das fontes de pesquisa



Fonte – Os autores (2021).

**Gráfico 11:** Escola B - Nível de importância das fontes de pesquisa



Fonte – Os autores (2021).

Quando questionados o grau de importância de cada fonte de pesquisa, a escola e a internet foram as consideradas como mais importantes em ambas as escolas, enquanto a família e os amigos foram vistos como importantes.

A pesquisa possibilitou o entendimento da importância de educação em saúde, uma vez que ficou evidenciado na pesquisa que os participantes não possuem um entendimento em um nível que seja suficiente, a compreender a



idade dos mesmos. Ainda existe um abismo entre as informações que eles já deveriam ter principalmente em relação aos métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis que são de fundamental importância.

Ainda existe um distanciamento da saúde sexual dos adolescentes e uma abordagem no cotidiano familiar, isso faz com que as informações sejam adquiridos por meio de amigos e internet, mas, ficou claro que há uma confiança nas trocas que acontecem no ambiente escolar, em sala de aula, visto que os participantes sinalizam o tempo todo que a escola compreende esse espaço de aquisição de conhecimento, e quando mais presente essa interação, melhores são os níveis de confiança e interação que podem ser ofertados no espaço educacional.

Trabalhar com propostas que sejam dinâmicas e interativas vai favorecer o aprendizado, visto que isso será feito de maneira coletiva, em um processo de aprendizagem que seja colaborativo. Fortalecer o aluno em seu espaço educacional vai favorecer que ele seja mais articulado nos demais espaços em que transita, que tenha mais segurança, informações seguras, e que consiga estabelecer diálogos com os amigos, na escola, e até mesmo na família se ele encontrar uma abertura para que isso seja feito.

A pesquisa corroborou a importância da educação sexual, da necessidade de uma abordagem que seja feita de maneira ampla em seus diferentes contextos, que leve em consideração as vivências particulares de cada um, e que seja feita de maneira multidisciplinar e com diferentes abordagens. Muito mais que importante, a pesquisa corroborou o quanto é fundamental as vivências saudáveis em torno da sexualidade.

### **Considerações finais**

O estudo proporcionou uma compreensão de que as infecções sexualmente transmissíveis representam uma porção que é significativa no adoecimento do jovem em seu nível físico, mas isso compreende também seu estado psicológico, emocional e social. Dessa forma, não há possibilidade de não reconhecer que o debate em torno dessas infecções é algo de extrema



importância, devendo ser realizado na escola visto que esse constitui também um local de construção assim como a legitimação do conhecimento.

Foi possível também uma percepção de que a abordagem em relação a prevenção, no ambiente da sala de aula nas unidades de ensino básico, é uma realidade, e esse fato fica evidenciado pela informação que os educandos possuem a alguns níveis de informação. No entanto, fica evidenciado de maneira clara que as ações didáticas funcionam em conformidade com a essência dos Parâmetros Curriculares Nacionais em sua natureza de documento norteador dos conteúdos que precisam ser desenvolvidos como uma proposta de construção de conhecimento dos alunos em relação aos cuidados com o corpo.

Constatou-se que o debate em torno da prevenção em sala de aula precisa de um maior envolvimento dos docentes das demais disciplinas para que atuem nesta ação, e que isso não seja restrito apenas a área de ciências. Essa postura se corrobora também por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde são pontuadas as ações de transversalidade e da interdisciplinaridade como sendo parte integrante do currículo de Ciências, de maneira mais específica da inclusão dos temas transversais nas aulas. Assim sendo, por meio das ações é possível que problemas de saúde consigam ser considerados pelos docentes e assim, trazidos para debates no ambiente da sala de aula. As aulas que abordam a temática da prevenção podem ocorrer por meio das aulas expositivas, seminários, oficinas, jogos interativos, a serem programados por meio de sequências didáticas, e como uma ferramenta onde os alunos consigam desenvolver suas habilidades assim como atitudes.

Diante de todo o exposto, foi possível dimensionar o embate às IST na escola, visto que as docentes que desenvolveram o estudo se propuseram a promover em suas aulas a construção de conhecimentos que sejam pertinentes a prevenção, e para além disso, um pouco acerca da sexualidade humana, e sua dimensão no sujeito, onde os discentes, por sua vez, são privilegiados com a postura e atitudes que permeiam conhecimentos a eles acessíveis para uma troca saudável de informações. Dessa forma, é possível pensar na fragilidade que os jovens possuem diante das ISTs e isso os torna



vulneráveis, E quando há uma minimização da troca necessária em sala de aula, o estudante é prejudicado enquanto ser social, mas quando ressaltada as trocas positivas de conhecimento, eles desenvolvem um novo olhar sobre a dimensão do seu corpo, e são formuladas novas e saudáveis possibilidades de que possam vivenciar suas relações de maneira responsável.

Entretanto, é preciso ressaltar um ponto que é de extrema importância e foi corroborada no estudo, que se trata da necessidade de que seja transportada a preocupação em torno do adoecimento juvenil para as demais instâncias da vida do adolescente em sua dimensão de sujeito também emocional, psicológico, uma vez que, na visão da Educação Sexual transformadora, o sujeito não se trata de um ser apenas biológico que é passível de adoecer devido a uma doença, mas para além disso um sujeito que é emocionalmente afetado devido ao adoecimento.

É preciso ressaltar que a pesquisa possibilitou conhecer que o binômio composto por educação e saúde fazem a representação de processos que são necessários para que haja uma mudança na realidade dos jovens e a vulnerabilidade que possuem diante as ISTs. Hoje, não se pensa mais em uma educação sexual que seja repressora, nem que a mesma normalize posturas como era feito nos anos iniciais quando foi inserida no contexto educacional, mas em uma educação que ofereça sua contribuição na construção do jovem contemporâneo, para que amanhã haja a possibilidade de que se torne um adulto que seja um multiplicador dos conhecimentos que são passíveis de promoverem a diminuição de suas vulnerabilidades às infecções, promovendo o respeito e aos outros, assim como a diversidade existente no meio educacional.

Por essa razão, o estudo nos proporcionou concluir sobre a importância da promoção de formação de maneira continuada junto aos professores das unidades de ensino, assim como o incentivo para que aconteça a interdisciplinaridade, para que dessa forma seja possível aos docentes ter a possibilidade de adquirir outros saberes relacionados a educação Sexual, ampliando as concepções que possuem enquanto formadores de opinião sobre os tabus, a sexualidade, a vulnerabilidade presente na população jovem às



IST/AIDS para que consigam proporcionar aos estudantes maiores oportunidades em relação a estes conhecimentos enquanto seres que podem, por meio da reflexão, formar opiniões e valores em torno dessa temática.

## Referências

77

ALMEIDA FILHO, N. Modelos de determinação social das doenças crônicas não transmissíveis. **Ciência Saúde Coletiva**, v.9, p. 865-84. 2002.

BORGES, A.L.V.; NICHATA, L.Y.I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: A rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Rev. Latinoam Enferm.** v. 14, n. 3, p. 422. 2006.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

CARVALHO, F.A. **Que saberes sobre a sexualidade são esses que (não) dizemos na escola?**. In: FIGUEIRÓ, MARY NEIDE D. (org). Educação Sexual: Em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2004.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. Educação ou Saúde? Educação X Saúde? Educação e Saúde! **Cadernos Cedex**, n.15, p.7-16. 1985.

COSTA, M.; LÓPEZ, E. **Educação para a Saúde.** Madrid: Pirâmide, p.25-58. 1996.

DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 54, n. 14, p. 7-11, 1986.

EGRY, E.Y. A pós-graduação em enfermagem em saúde coletiva: o desafio da construção conjunta do conhecimento. **Rev. Esc Enferm**, USP, v. 30, n. esp, p. 59- 62. 1996. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil

GUIMARÃES, G.; AERTS, D.; CÂMARA, S.G. A escola promotora da saúde e o desenvolvimento de habilidades. **Diaphora**: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2012.

MOHR, A. **A saúde na escola**: análise de livros didáticos de 1ª a 4ª séries. 1994. 70 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação, Rio de Janeiro, 1994.

MOHR, A.; SCHALL, Virginia. Rumos da Educação em Saúde no Brasil e suas relações com a Educação Ambiental. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 199-203, jun., 1993.



OLIVEIRA JUNIOR, M. M.; SANTOS, J. J. **O Uso de Oficinas Temáticas para o Ensino Médio, Visando a Formação de Conceitos Químicos e Atitudes Cidadãs.** In: 28ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2005, Poços de Caldas. Livro de Resumos da 28ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. São Paulo: SBQ, 2005. v. 1. p. 139- 139.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Desigualdades na saúde dos jovens. Comportamento Sanitário em Crianças em Idade Escolar. Relatório Internacional de 2005-2006.** Polícia de Saúde para Crianças e Adolescentes. n. 5 2001.

SANTOS, O.; BORUCHOVITCH, E. Estratégias de aprendizagem e aprender a aprender: concepções e conhecimento de professores. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 31(2), 284-295, 2017

SILVA, Carlos dos Santos. **Promoção da saúde na escola:** modelos teóricos e desafios da intersectorialidade no Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: s.n., 2005.

SMEKE, E. L. M.; OLIVEIRA, N. L. S. **Educação em saúde e concepções de sujeito.** In: VASCONCELOS, E. M. (org.) A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede popular e saúde. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

SOUZA, L.F.N.I. Estratégias de aprendizagem e fatores motivacionais relacionados. **Educar**, v. 36, 95-107, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global Strategy for the Preventions and Control of Sexually Transmitted Infections:** 2006-2015. Genebra: WHO; 2007.

## **Sobre os autores**

### **Kelle Barros Cunha**

Graduada em Ciências Biológicas – Ufes (Campus São Mateus). Especialista em Ensino de Ciências (C'10) – UFES. Mestranda em Ensino e Educação Básica (PPGEEB), desenvolvendo pesquisa em Feiras de Ciências (Fecinc) - Bolsista FAPES – UFES (Campus São Mateus). Professora de Ciências e Biologia. Experiência na educação básica, com ensino de Ciências para os anos finais do Ensino fundamental e EJA; Biologia Ensino Médio e EJA.

### **Ana Karla de Jesus**

Graduada em Biologia– Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC. Técnica em Química - Escola Master - São Mateus/ES. Especialista em Ensino de Ciências (C'10) – UFES. Professora de Ciências e Biologia. Experiência na educação básica, com ensino de Ciências para os anos finais do Ensino fundamental e EJA; Biologia Ensino Médio e EJA.

### **Manoel Augusto Polastreli Barbosa**

Doutorando Profissional em Educação em Ciências e Matemática (IFES). Mestre em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores



(PPGEEDUC) - UFES (Campus Alegre). Designer Educacional no Projeto de Cursos em Rede na Modalidade a Distância - Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Membro do grupo de pesquisa HISTOFIC (História e Filosofia da Ciência: desenvolvimento, fundamentos e práxis educacional) - IFES e do Projeto Rio Doce Escolar: Formação de Educadores em Educação Ambiental nas Escolas Capixabas do Rio Doce - IFES. Desenvolve pesquisas e atua na área de História e Filosofia da Ciência, Ensino de Ciências, Educação Ambiental, Espaços Não-Formais de Educação, Tecnologias Educacionais, Mídias na Educação, Educação à Distância, Currículo e Formação de Professores.

